

## UMA CRÔNICA PARA REPENSAR E REESCREVER A HISTÓRIA

**Ester Anholeto<sup>1</sup>**

**Valéria Bussola Martins<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Neste trabalho, analisamos a visão crítica, irônica e bem humorada de Mario Prata sobre o “descobrimento” do Brasil, mostrada em uma de suas crônicas. O autor relata como se deu o encontro entre indígenas americanos e europeus, e reflete sobre o início do processo de formação de uma nova cultura e de uma nova identidade, dado a partir desse encontro. Temos, pois, como objetivo mostrar como um texto que mistura ficção e realidade aponta para a possibilidade de se repensar a história de nosso país.

**Palavras-chave:** cultura, história, identidade.

### **Abstract**

This paper analyzes the critical, ironic and humorous Mario Prata's view on the "discovery" of Brazil, shown in one of his chronicles. The author describes the encounter between Native Americans and Europeans, and scrutinizes the beginning of the process of forming a new culture and a new identity, as from such encounter. Therefore, we aimed to demonstrate manners in which a text, that mixes fiction and reality, points to the possibility of rethinking the history of our country.

**Keywords:** culture, history, identity.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>2</sup> Mestranda em Letras, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Este artigo tem como objetivo analisar o texto “O descobrimento do Brasil: eu vi!”, de Mario Prata, escritor, dramaturgo e jornalista brasileiro, sob a ótica da fundamentação teórica de renomados pesquisadores dos Estudos Culturais: Néstor García Canclini<sup>3</sup>, Tomaz Tadeu da Silva<sup>4</sup> e Stuart Hall<sup>5</sup>.

Trata-se de uma crônica publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, não por acaso, no dia 22 de abril de 1998, data em que se comemoravam os 498 anos de “descobrimento” do Brasil. Pretendemos discutir alguns aspectos da hibridação cultural e da identidade, presentes no texto em questão.

Mário Prata coloca-se como um narrador que conta aos leitores do jornal um trecho de seu novo livro, no qual estão expostas algumas regressões que fez com o psicanalista Leonardo Ramos.

O autor diz que, em uma dessas regressões, foi um índio chamado Anhangá, que vivia onde hoje é a Bahia. O texto segue com uma série de diálogos entre o doutor Leonardo e Anhangá e, nesses diálogos, o índio descreve um pouco de sua cultura.

Para retratar o momento exato da regressão, passam a ser mostradas, então, as falas de Anhangá com seu irmão e seu primo. Os três falam de uma “canaoa” que havia chegado até a praia onde estavam e demonstram surpresa e medo dessa embarcação. O protagonista conta sobre o encontro entre os indígenas e os homens desconhecidos.

Nesse relato, ele faz uma descrição bastante depreciativa desses viajantes, como vemos, por exemplo, no trecho a seguir:

Tinha um, o mais engraçado, com jeito de mulher, que ficava o tempo todo rabiscando uns risquinhos num papel. Tudo que a gente fazia, ele fazia risquinhos, desenhinhos. Mas parecia mulherzinha. Os outros, toda hora olhando para ele, diziam: anotaperovás! (PRATA, 2004: 26-7).

---

<sup>3</sup> Antropólogo argentino contemporâneo. Tem como foco de seu trabalho a pós-modernidade e a cultura a partir do ponto de vista latino-americano. Considerado um dos maiores investigadores em comunicação, cultura e sociologia da América Latina, é autor de estudos culturais interdisciplinares.

<sup>4</sup> Teórico, Ph. D. pela Stanford University (1984), atualmente é professor colaborador do Programa em Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na área de educação, com ênfase nos Estudos Culturais, identidade e pós-modernismo.

<sup>5</sup> Teórico cultural jamaicano que trabalha no Reino Unido. Contribuiu com obras-chave para os estudos da cultura e dos meios de comunicação. Concebe o uso da linguagem como determinado por uma moldura de poderes, instituições, política e economia.

Anhangá conta, também, sobre a aproximação de seus companheiros com os desconhecidos. Diz que trocaram presentes e, quando os viajantes chamaram-nos para irem até o “barco grande”, eles, amedrontados, recusaram-se e lembraram-se de que teriam de levar mandiocas para suas mulheres. Por fim, a crônica é encerrada com a seguinte fala de Anhangá: “E as mandiocas? Vou acabar apanhando das minhas nove mulheres!” (p. 27).

Dito isso, iniciemos, pois, a análise.

Observando o título do texto de Mario Prata, já nos deparamos com o uso do nome “descobrimento”, o qual sugere, aparentemente, que o enunciador posiciona-se a partir do ponto de vista do europeu, na medida em que esse substantivo remete-nos à ideia corrente de que houve heróis desbravadores que chegaram a uma terra de ninguém, onde eles foram os primeiros a tomarem posse e, portanto, a sentirem-se os donos desse local.

Outra expressão que nos chama a atenção é “eu vi!”, que, exclamando o entusiasmo do enunciador, confere um tom testemunhal e digno de maior confiabilidade ao relato.

A crônica é iniciada por uma espécie de aviso, em que o próprio autor anuncia a chegada de seu novo livro intitulado *Minhas vidas passadas (a limpo)*. Com a escolha desse título, Mário Prata dá a entender – não sabemos se em tom ficcional ou não – que teve outras vidas, o que é confirmado no decorrer do texto. Isso porque ele admite já ter sido um índio tupi, como em: “Hoje, mostro para você um trechinho de quando eu fui Anhangá, um índio muito do topicalista lá da região onde hoje é a Bahia. Estávamos no dia 22 de abril de 1500 e eu era tupi” (p. 26), trecho em que ele situa a personagem Anhangá em seu cronotopo.

Podemos, ainda, dizer que temos duas vozes que se misturam e alternam-se na narrativa. A primeira delas é a de um enunciador que se posiciona como o autor Mario Prata, no momento em que escreve/publica a crônica no jornal, falando em tom de conversa com o leitor, chamado de “você”.

Entramos em contato com essa voz em: “Na próxima semana, chega às livrarias o meu novo livro”, “Hoje, mostro para você um trechinho (...)” (p. 26). Esse mesmo posicionamento de enunciador/autor é visto nos momentos em que Prata diz estar em uma sessão de regressão, durante a qual, conversando com o psicanalista, fala: “Estou vendo a cena muito bem”, “Mal sabia eu, naquele dia”, “Me deixa continuar”.

É essa mesma voz que, no segundo parágrafo, mostra uma preocupação em nos manter informados sobre quem é a personagem Leonardo: foi o psicanalista com quem ele

fez as sessões de regressão. Esse psicanalista é relevante na narrativa, pois, por meio das suas perguntas ao “paciente”, conhecemos muito sobre os costumes e a cultura dos tupis e dos brancos.

A segunda voz, presente na crônica, é a do enunciador descrito como o autor em uma vida passada, o índio Anhangá, que vivia no ano de 1500. Há, ao longo do texto, várias falas dessa personagem, a qual conversa, na maioria das vezes, com seu irmão Anhangué e com seu primo Ibirapu.

Temos, portanto, um enunciador “duplo”, que se apresenta em três épocas diferentes: a da escrita/publicação da crônica, a da sessão de regressão e a da vida em 1500.

Dito isso, detenhamo-nos no enunciador que se coloca como índio no tempo histórico do “descobrimento” do Brasil, porque é a partir do modo como ele é-nos apresentado que discutiremos, como propusemos há pouco, alguns pontos tratados pelos Estudos Culturais.

Anhangá é construído como o protagonista da história do encontro dos índios com os brancos, supostamente os portugueses, já que ele menciona de forma dessacralizadora a presença de Pero Vaz entre os que chegam à sua terra. É dada a esse índio a maior oportunidade de expor sua voz na crônica, o que pode ser constatado pelo constante uso do discurso direto no texto e pela predominância de suas falas.

Vale ressaltar que tanto ele como os demais indígenas, além do doutor, têm oportunidade de expressarem-se nos diálogos, enquanto os brancos não a têm. Sabemos das ações desses “europeus” pelo relato de Anhangá, como em: “Os outros, toda hora olhando para ele, diziam: anotaperovás!” (p. 27).

Vemos algumas possibilidades para o fato de os europeus não terem voz: Anhangá não sabia reproduzir a fala deles por terem línguas diferentes; esses brancos praticamente não falavam com os índios e usavam mais os gestos para garantir a comunicação; o enunciador escolheu dar voz apenas aos indígenas, ou seja, posicionou-se a favor deles e preteriu os brancos, visto que não lhes permitiu falar no texto. Nesse caso, fica claro, então, que o enunciador não se posiciona a favor do europeu, como sugeria a expressão “descobrimento do Brasil” do título.

Também é imprescindível observarmos as falas de Anhangá, Anhangué e Ibirapu, pois por meio delas conhecemos um pouco da cultura dessas três personagens,

caracterizadas como índios tupis. Por exemplo: a) os homens proviam o alimento e as mulheres preparavam-nos, como em (p. 26-7): “– Eu havia saído antes do sol com meu irmão Anhangüé e meu primo Ibirapu para ir até as mandiocas. As mulheres queriam fazer farinha.”; b) não usavam nenhuma vestimenta: “Nada no corpo. Só pintura. Nus.”; c) pintavam o corpo para proteger-se: “Bom para proteger do sol e da picada de insetos e mosquitos.”; d) eram poligâmicos e, provavelmente, dominados pelas mulheres: “E as mandiocas? Vou acabar apanhando das minha nove mulheres!”; e) suas armas eram flechas: “Cada um de nós estava com sete flechas”.

Quanto aos brancos, pouco sabemos deles, mas sempre que as personagens contam-nos como são, fazem isso em um tom de deboche, de desprezo, afirmando que eles são fracos, bobos, malcheirosos e engraçados. Observemos a seguinte fala de Anhangá:

– E a gente rindo, o Anhangüé deitava no chão de tanto rir. (...) Dos panos que eles usavam em cima do corpo. Tinham o corpo todo coberto de pano. Aquele sol, eles suavam. Brancos. Branco queimado, meio avermelhado. Diferente. Falavam coisas que a gente não entendia. E como fediam! Que cheiro horrível aqueles homens brancos tinham! Acho que não tomavam banho havia várias luas. (p. 27).

Essa citação instiga-nos a voltarmos nosso olhar para a linguagem utilizada. Em primeiro lugar, vemos uma clara oposição entre as pessoas do discurso: há um “nós” em contraste com um “eles”, sempre na intenção de diferenciar as personagens indígenas dos brancos. O “nós” é representado pelo uso informal “a gente”, referindo-se aos índios, que são mostrados como pessoas que se impressionam com os costumes e as características dos “outros”, ora chamados de “eles” ora de “aqueles homens” e impressionam-se, atribuindo juízos de valor considerados negativos apenas por esses brancos serem diferentes.

Tal descrição remete-nos à seguinte fala de Tomaz Tadeu da Silva:

Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. (...) Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. (SILVA, 2006: 82).

Na crônica em questão, aqueles que classificam e que se sentem superiores em uma hierarquia são os indígenas, ao contrário do que ocorreu de fato na história da chegada dos

portugueses, pois, naquela ocasião, eles é que conheciam a língua escrita e tinham de prestar contas a Portugal sobre o “novo mundo”. Sendo assim, eram eles que descreviam. Consideravam-se como “nós” e os indígenas como os “outros”.

A superioridade dos indígenas sobre os brancos, mostrada no texto, também pode ser vista nos trechos em que, de forma ousada, as personagens dizem que riram exageradamente dos viajantes, mesmo estando em menor número que eles: “E começamos a rir na cara deles. A gente era três, eles eram uns dez na canoa. E a gente rindo deles. (...) E a gente rindo, o Anhangú deitava no chão de tanto rir. (...) Rimos muito. Todos.” (PRATA, 2004: 26-7).

Apesar de tanta ousadia, a crônica deixa claro que ambos os povos tinham medo um do outro, como constatamos em uma das falas de Anhangá: “Senti que eles tinham medo de nós. Eu disfarçava, mas também tinha medo.” (*ibidem*, p. 27).

As descrições, acima destacadas, também nos levam a refletir sobre o conceito de identidade criado por Stuart Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional.” (SILVA, 2006: 109).

Observando as considerações de Hall, podemos dizer que as impressões que Anhangá e seus companheiros tiveram dos brancos deram-se pelo encontro com o diferente. Segundo o mesmo autor, as identidades só podem ser construídas por meio da relação com o outro e elas dão-se por meio da diferença, e não fora delas. Esse encontro foi, assim, uma vivência que ambos os povos tiveram para se conhecerem melhor e formarem opiniões sobre si mesmos e sobre os outros.

Esses dois grupos – índios e brancos – são, de fato, mostrados como desconhecidos no texto. Isso pode ser visto na escolha do vocabulário impreciso dos americanos ao referirem-se aos brancos e a tudo o que era deles. Quando falam das caravelas, chamam-

nas de “aquilo”, “canoa”, “isso”, “coisa que vem de dentro do mar”, “coisa do mau espírito” e “o barco grande”; para falarem das roupas que usavam, disseram “dos panos que eles usavam”; para referirem-se ao barrete que tinham na cabeça, disseram a princípio “tirou uma coisa da cabeça”.

Com essas descrições imprecisas, fica claro o choque entre culturas vivido por todas as personagens. Fica flagrante, também, que Mario Prata refere-se ao momento que daria início à colonização dos americanos pelos europeus, e ao início de uma convivência – não tão harmoniosa, como sabemos – entre esses povos. Uma convivência que levaria ao que Canclini chama de hibridação cultural. Sobre isso, o estudioso diz:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. (CANCLINI, 2003: 22).

No texto aqui analisado, temos uma tentativa bem-humorada do autor de retratar como deve ter sido esse encontro entre culturas diferentes. Um dos pontos da crônica que evidencia esse início de mistura cultural está nas trocas de presentes entre as personagens. O homem branco presenteou Ibirapu com um barrete, uma espécie de gorro, e Ibirapu presenteou “anotaperovás” com um colar de conchinhas. Essa troca pode simbolizar a aceitação de ambos os homens a aspectos da cultura do outro.

Entretanto, o texto de Mario Prata não coloca esse encontro como algo positivo, quando o narrador diz, em tom sério: “Mal sabia eu, naquele dia, que aquela troca de presentes era o começo da extinção de uma população hoje estimada em mais de 8 milhões de índios”. As seguintes palavras de Néstor García Canclini vão ao encontro dessa ideia de que tal intercâmbio trouxe muitas consequências negativas aos americanos:

A mistura de colonizadores espanhóis e portugueses, depois de ingleses e franceses, com indígenas americanos, à qual se acrescentaram escravos trasladados da África, tornou a *mestiçagem* um processo fundacional nas sociedades do chamado Novo Mundo. Na atualidade, menos de 10% da população da América Latina é indígena. (CANCLINI, 2003: 27).

Canclini reconhece a importância dessa miscigenação para a formação da população da América Latina, mas não deixa de apontar que os indígenas foram dizimados por esse encontro de culturas, assim como foi mostrado no texto de Mario Prata.

### **Considerações finais**

Podemos ver, pois, que o cronista assume uma perspectiva diferente acerca do descobrimento, uma perspectiva contemporânea para um fato que ele diz ter ocorrido no século XV.

A favor do colonizado, o enunciador aqui construído vale-se de um vocabulário informal e prosaico: “a gente”, “começamos a rir na cara deles”, “mais parecia mulherzinha”, “e como fediam”, “aquele que fica fazendo rabisquinho”, para retomar a carta de Pero Vaz, com a intenção de dessacralizá-la, de ironizá-la.

Mesmo retomando as famosas cartas de Caminha, o texto contrasta com elas por ser uma construção fictícia feita com humor, ironia e um vocabulário sem formalidades e atual.

A história do Brasil serve, assim, de inspiração e de matéria-prima para a história simples e banal da crônica, que retrata como um índio poderia ter compreendido a chegada dos brancos, como ele poderia ter se sentido diante de um “outro” que, apesar de ter contribuído para a formação de uma nova cultura, despertou desconfiança desde o início.

O tom testemunhal da narrativa, evocado desde o título, tenta garantir que o leitor creia em cada palavra relatada. Nessa mistura, própria das crônicas, de ficção e realidade – esta última vista pelo título de um livro do autor que existe, pelo nome completo de um psicanalista, pelo fornecimento de uma data completa e precisa para os acontecimentos da “vida passada” –, Mario Prata conquista os interlocutores para acreditarem, de fato, que há a possibilidade de que a história que sempre nos foi contada possa ser revista, repensada, reescrita.



### **Referências Bibliográficas**

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

PRATA, Mario. O descobrimento do Brasil: eu vi!. In: BIGNOTTO, Cilza e JAFFE, Noemi. *Crônica na sala de aula: material de apoio ao professor*. São Paulo: Itaú Cultural, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença – a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2006.